

INTRODUÇÃO

O número da *Revista de Estudos Literários* que tem nas suas mãos ou no seu ecrã é dedicado aos Estudos Ibéricos, designação que tem hoje frequentemente o sentido restrito de um campo académico, surgido aproximadamente nos anos 80 do século passado, e que, em articulação com os *Area Studies*, centra a sua atenção na Península Ibérica, entendida como um sistema complexo de relações históricas e culturais. Numa aceção mais generosa, os estudos ibéricos podem ser entendidos como uma subárea da Literatura Comparada, recuando a sua cronologia até pelo menos a obra pioneira de Fidelino de Figueiredo *Pyrene: ponto de vista para uma introdução à história comparada das literaturas portuguesas e espanholas*, cuja primeira edição foi publicada em Lisboa em 1935, senão mesmo até Menéndez Pelayo (1856-1912), que se ocupou largamente da literatura portuguesa, entendendo-a sempre como parte fundamental e indissolúvel da literatura espanhola, que não confundia com a literatura em castelhano. No nosso *call for papers*, que não assumia diretamente nenhuma destas perspetivas teórico-críticas, apontámos os seguintes temas como prioritários, mas não exclusivos: Fundamentos teóricos e metodológicos dos Estudos Ibéricos; Dinâmicas literárias ibéricas: centros e periferias; Relações literárias ibéricas: estudos de caso; Literatura e ideologia: hegemonias e subordinações; Literaturas ibéricas e estudos interartes; A tradução como mediação cultural no espaço ibérico.

A resposta a esse desafio que lançámos há cerca de um ano e meio superou todas as nossas expectativas, facto que nos permite apresentar agora este nutrido número, com 20 colaborações nas secções de artigos, profissão e arquivo, a que há que juntar dez recensões críti-

cas. A estrutura é a habitual, começando pelos ensaios que compõem a área temática.

Deste modo, a revista abre com a sua SECÇÃO TEMÁTICA, encabeçada por textos de Santiago Pérez Isasi e Esther Gimeno, que têm um alcance mais transversal que os restantes, os quais incidem sobre matéria mais específica, como já veremos. Tomando como ponto de partida, a realização em Lisboa, em 2011, do encontro intitulado *Looking at Iberia from a Comparative European Perspective*, Pérez Isasi faz o balanço dos últimos anos dos estudos realizados em Portugal na área dos Estudos Ibéricos; Esther Gimeno, por seu lado, ocupa-se do papel e do enquadramento dos Estudos de Tradução no âmbito dos Estudos Ibéricos. Seguem-se os restantes artigos da área temática, o primeiro dos quais tem como tema o estudo do grotesco na *Historia de las cuevas de Salamanca*, a obra mais conhecida do escritor português Francisco Botelho de Moraes e Vasconcelos, que residiu em Espanha durante longos anos e compôs em castelhano a maior parte da sua produção literária. Escritor bastante esquecido, Botelho de Moraes tem merecido uma regular atenção do Centro de Literatura Portuguesa, com destaque para a realização em Coimbra, em 2018, de um colóquio sobre a sua obra, no qual colaborou o autor deste artigo, Ignacio Arellano. O artigo seguinte, da autoria de Ângela Fernandes, centra-se nas traduções para português de obras dramáticas espanholas, particularmente em duas coleções, “Civilização Teatro” e “Livrinhos de Teatro” e em dois autores: Tirso de Molina (no volume, de 1967, que recolhe as traduções de *O sedutor de Sevilha e o convidado de pedra*, *O amor médico* e *O tímido no palácio*) e Juan Mayorga (no volume, de 2018, que contém as traduções de *O crítico*, *Reiquiavique* e *O cartógrafo*). O diálogo hipotético entre o poeta português Eugénio de Andrade e o lírico romântico sevilhano Gustavo Adolfo Bécquer motivou a atenção de Antero Barbosa, que aponta para aproximações formais e semânticas que são negadas,

no entanto, pelo poeta beirão que se radicou no Porto. Por seu lado, César Rina Simón sublinha o paradoxo de as viagens de comboio realizadas por intelectuais iberistas do século XIX, que iam à procura de elementos que reforçassem a ideia de uma unidade cultural no espaço ibérico, acabarem por descobrir e destacar frequentemente aquilo que distingue e diferencia os povos peninsulares.

O estudo comparativos de autores ibéricos é o desafio encetado nos artigos de Eunice Ribeiro, Xaquín Núñez Sabarís e Daniel Tavares (que propõem uma leitura comparativa de *Anunciações*, de Maria Teresa Horta, e *O livro da egoísta* da escritora galega Yolanda Castaño); de Eduarda Barata, que realiza uma leitura analítica comparatista de *Dinossauro Excelentíssimo*, de José Cardoso Pires, e *Los girasoles ciegos*, de Alberto Méndez, tomando como modelo a análise interdiscursiva, de Tomás Albaladejo; e de Gregório Foganholi Dantas e Vinicius Gonçalves Mazzini, que dedicam o seu artigo ao estudo comparativo dos romances históricos pós-modernistas *Soldados de Salamina*, de Javier Cercas, e *Anatomia dos mártires*, de João Tordo.

Segue-se a estes artigos, a evocação, por Jesús Revelles Esquirol, da revista maiorquina *Ponent*, que se publicou entre 1956 e 1983, e na qual se concedeu relevo a alguns poetas portugueses contemporâneos. Maria Serena Felici regressa às Conferências do Casino de Lisboa, de 1871, e à ficção queirosiana, para ilustrar como algumas das personagens criadas por Eça de Queirós refletem o provincianismo ibérico denunciado por Antero de Quental na conferência intitulada *Causas da decadência dos povos peninsulares nos últimos três séculos*. Miguel Filipe Mochila analisa a receção de Eugénio de Castro pelo modernismo espanhol, vislumbrando, na aproximação ibérica realizada através da leitura castelhana do poeta português, uma retórica politizada que potencia um subtil hegemonismo castelhano. José de Urcullu, exilado espanhol no Porto durante as convulsões políticas

que varreram as primeiras décadas do século XIX espanhol, é recuperado por Ana Belén Cao Míguez, que valoriza a sua ação como mediador intercultural ibérico. Por sua vez, Joaquim Sala-Sanahuja formula a hipótese de o conto de Fernando Pessoa *O Banqueiro Anarquista* ter um modelo real, o industrial e financeiro catalão Plató Peig Aymamí, ou, em alternativa, a possibilidade de a personagem pessoana resultar da fusão de duas pessoas concretas, o citado financeiro e um primo homónimo de ideologia anarquista. A última peça da secção temática, proposta por José Pedro Sousa, é constituída pela análise de um entremez manuscrito anónimo, que é na verdade a versão portuguesa de um entremez do escritor espanhol do Século de Ouro Luis Quiñones de Benavente, seguindo-se a reprodução digitalizada do manuscrito.

Na SECÇÃO NÃO-TEMÁTICA encontrará o leitor dois artigos de natureza bastante diferente um do outro, pois, enquanto Giuliano Lellis Ito Santos escreve sobre um romance não muito conhecido de um escritor clássico da literatura portuguesa oitocentista, Camilo Castelo Branco, Ana Marques ocupa-se do contemporâneo Grupo Surrealista de Madrid, relacionando-o, no entanto, com a história do surrealismo internacional, que teve a sua génese em território francês.

Uma das secções fixas da *Revista de Estudos Literários* tem o nome de PROFISSÃO e para ela são habitualmente convidadas figuras destacadas da universidade portuguesa, como é o caso da convidada deste número, Maria de Lurdes Fernandes, a cuja ação na Faculdade de Letras da Universidade do Porto muito deve a divulgação da língua, da cultura e da literatura espanholas.

Noutra das habituais secções, ARQUIVO, é resgatada do esquecimento, e apresentada por Irene Fialho, uma “Carta de Lisboa”, de Manuel Pinheiro Chagas, centrada em Eça de Queirós e na censura

da estética realista, publicada no *Diário do Rio de Janeiro* no dia 10 de dezembro de 1875.

Completam este número da revista dez RECENSÕES de obras ensaísticas recentemente publicadas, algumas das quais diretamente relacionadas com o tema deste número da revista. São comentados onze livros, com resenhas assinadas por José Augusto Cardoso Bernardes, António Apolinário Lourenço, Ana Marques, Jordi Cerdà, Patrícia Martinho Ferreira, David Duarte, Susana Rocha Relvas, Guadalupe Nieto Caballero e Carlos Pazos-Justo.

Dada a temática a que foi dedicado o presente número da revista não é de admirar que as línguas portuguesa e espanhola sejam largamente predominantes. Compraz-nos, no entanto, verificar que também os idiomas italiano e catalão foram utilizados na secção temática, para além das traduções para inglês de todos os títulos e resumos. Os coordenadores têm consciência de que se trata apenas de mais um pequeno passo para o estreitamento das relações entre todos os povos, as línguas e as culturas da Península Ibérica, mas sentem-se também enriquecidos com os contributos de todos os investigadores que responderam positivamente ao repto lançado. Esperamos que os leitores encontrem na leitura da nossa revista a satisfação e o proveito que experimentámos na sua realização.

António Apolinário Lourenço

<https://orcid.org/0000-0002-1014-0459>

Antonio Sáez Delgado

<https://orcid.org/0000-0002-5970-3849>